

QUANDO O PROFESSOR LAVA AS MÃOS O PAÍS LAVA JATO

CARLOS EDUARDO ALMEIDA AGUIAR

Advogado

Docente no Curso de Direito da UNILAGO

Membro do comitê de ética e pesquisa do instituto do coração de São José
do Rio Preto, SP

Membro do conselho de bioética da Associação Católica Mãe do Redentor
Especialista em direito público

Aluno de Mestrado da Fundação de Ensino “Eurípides Soares da Rocha

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal refletir sobre a responsabilidade do professor diante da realidade cultural do Brasil, mais precisamente no tocante à corrupção. Não se está aqui a atribuir a este importante profissional a culpa pelos males que assolam a nação, mas tão somente a identificar situações em que, ainda que inconscientemente, o professor, por meio de ações ou omissões, contribui com este cenário negativo do país, bem como destacar a possibilidade de se realizar como educador em meio a tantos contras. Aborda-se, outrossim, aspectos da vocação do professor, que vai além da profissão, em um verdadeiro sacerdócio e elenca-se algumas formas para se lidar com as adversidades, sem que isso seja um obstáculo para o desempenho de sua atividade. Por fim, faz-se uma análise crítica daqueles que escolhem a profissão, mas deixam de exercê-la com amor e seriedade, sob o argumento da falta de estrutura, amparo, estímulo e respeito, ou seja, problemas enfrentados pela sistema de ensino.

Palavras-chave: responsabilidade, corrupção, professor, vocação, obstáculo, seriedade.

Introdução

O professor, que um dia experimentou momentos de glória, hoje sofre a mesma amargura de um indigente órfão, marginalizado pela sociedade e pelas autoridades públicas e privadas, caminhando solitário, com fome e sede de mudanças, oportunidades, respeito e justiça.

Missionários em selvas de concreto, o professor, na maioria dos casos conta somente com sua autodeterminação e empenho, na tentativa de realizar a tarefa que hoje o mundo espera do educador, qual seja, ser o propulsor da transformação da realidade mundial.

Assim, como em um sacerdócio, ser professor, sobretudo, nos dias atuais, pressupõe um esvaziar de si mesmo para preencher-se de um amor sacrificial e divino, que nada exige, que não se ensoberbece, indo em direção ao próximo, se assemelhando ao amor descrito nas escrituras sagradas, do qual todos foram agraciados, mas nem todos escolhem vivenciá-lo (1 Coríntios 13:4).

Somente aquele que se deixa conduzir por este sentimento, tomando posse das suas graças é capaz de entender o verdadeiro sentido e profundidade desta maravilhosa e importantíssima profissão e é capaz de caminhar sem esmorecer, diante de tantas adversidades.

Assim sendo, ser um professor não é simplesmente um direito de quem possui uma titulação específica, mas, antes de

tudo, é um dom, uma vocação que deve ser entendida e desenvolvida com pureza de coração.

O dom é divino, é um presente que nos é dado gratuitamente, mas não para beneficiar a si mesmo e sim o próximo.

A cruz e a educação

Enquanto estudante, o futuro professor está cheio de ideias e ideais, a vida está repleta de anseios e o coração impetuoso repleto de sonhos, esperança e disposição para abraçar o mundo e suas necessidades, otimista, acreditando ser ele próprio um instrumento de transformação.

Passado um período exercendo a profissão, em frente a todas as adversidades, a vida profissional pode se tornar um grande desafio e os valores podem conflitar com a realidade do dia a dia.

Será possível manter vivo dentro de si esta chama motivadora, em meio aos problemas que envolvem o sistema de ensino e o professorado como um todo e que atingem, direta e indiretamente, toda sociedade?

Para encontrarmos as respostas é necessário que se faça a mesma reflexão feita por Henri J. M. Nouwen, no livro “Podeis Beber o Cálice?”, para quem, apenas viver a vida, não é o suficiente, não satisfaz. Deve-se saber o que e para que se está vivendo (Nouwen, 2002).

O que se propõe é um olhar crítico sobre a vida de quem exerce esta profissão, com o objetivo de não perder o foco e o direcionamento.

Certamente, um passo importante é a de não realizar comparações profissionais e pessoais, uma vez que para cada um, para cada situação e para cada profissão há uma experiência única, com desafios, dificuldades, facilidades, alegrias e tristezas específicas, vividas de forma personalíssima em razão da extrema singularidade de cada ser. O importante é que se viva aquilo que se é chamado a viver.

Pode-se dizer que outro importante passo é aprender a olhar além das próprias necessidades, pressuposto necessário para caminhar ao encontro do próximo e enxergar as maravilhas da profissão, o que servirá de oxigênio para manter acesa a chama da vocação.

É preciso, outrossim, ter a certeza de que as dificuldades profissionais são infinitamente menores que a importância desta profissão para a humanidade. O que seria do mundo se não existissem os professores?

Diante de tanta corrupção, de tanta fome, desamparo, descaso, maldade, desesperança, ignorância, não há outro meio de transformação que não passe pela educação. Assim sendo, a maior das ferramentas exige o mais digno dos profissionais.

Contudo, como ensina o Mestre dos Mestres, Jesus Cristo, para ser o primeiro deve-se ser o último de todos e o servo de todos

(Marcos 9:35). Tal fato desafia o professor a abandonar a vaidade, o pedestal, a imaginária posição de poder e o faz associar a própria vulnerabilidade com a dos seus alunos.

Nesta posição de serviço deve-se entender que a glória não pertence ao servo e saber enxergar a alegria escondida na tristeza.

Muitos professores se sentem comprimidos, abandonados, humilhados, mas não enxergam que ao serem esmagados como uvas podem se tornar vinhos maravilhosos. Tal reflexão pode fazer nascer uma centelha de gratidão (Nouwen, 2002). É necessário que se saiba que a gratidão, mesmo diante das situações mais difíceis apaga a amargura o ciúme e a rivalidade, curando um coração ferido. São as situações difíceis que fortalecem o homem e o faz crescer como pessoa e como profissional.

O professor não está fadado a se sentir uma vítima, ele pode escolher.

Somente vencendo a si mesmo e transmitindo isso em seus ensinamentos, o educador pode contribuir, verdadeiramente, para que o aluno seja tão grande quanto ele possa ser, o que, logicamente, não significa ser mais do que o outro, mas sim, atingir seu máximo potencial.

Deve-se, portanto, encarar a profissão com esperança coragem e confiança. Isso significa levantar a cabeça, encarar a realidade e responder a ela com o coração.

Relação entre professor e o aluno

A relação do professor/aluno é muito expressiva, sobretudo, para este último, diante da fragilidade das relações familiares e sociais.

A cumplicidade e o respeito entre professores e alunos são aspectos constituintes da construção do conhecimento e da formação humana. As histórias se constroem a partir de encontros, e todos são singulares. É de suma importância, que nesses encontros, o professor respeite as condições em que o aluno vem até ele.

Freire (2004) enfatizou a necessidade do respeito às vivências do aluno, inferindo que:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola.

Para Aquino, “se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta. A força da relação professor-aluno é significativa e acaba produzindo resultados variados nos indivíduos” (AQUINO, 1996, p. 34).

Um ambiente dialógico caracteriza a fundação para formação do sujeito, sobretudo do sujeito ético.

Segundo Rocha Neto, “em uma educação dialógica o papel principal do educador é ser o facilitador da aprendizagem, dialogando e desafiando o aluno a pensar, a criar, a fazer conexões significativas entre os conteúdos disciplinares estudados e as suas experiências de vida” (2004, p. 70).

Da relação aluno/professor, nasce um vínculo e o educando/aluno passa a ser fruto dessa relação que se estabelece, espelhando-se nesse mestre, assumindo posturas similares diante de problemas e situações a ele expostos.

Assim sendo, a ética, a postura, a diferença ou semelhança na forma de agir repercute na formação do educando.

O problema que se coloca é quando a imagem refletida pelo mestre é ruim, o que certamente será absorvido pelo educando.

A aposta da derrota

Com a volta às aulas, voltam também as reclamações de muitos professores e os alunos reencontram seus mestres apreensivos pelo aumento salarial, frustrados com o sistema de ensino, descrentes com a capacidade dos estudantes de aprender e da escola de ensinar.

A consequência é a total desmotivação e um desanimo generalizado e contagiante. Segundo Werneck, ante este quadro

tão pessimista, mas real da educação, se destacam dois comportamentos: “o do urubu e o do garimpeiro”:

Triste e aborrecido, faminto e sedento de carniça, o urubu sobrevoa uma linda planície verde, plantada em sua maior parte, observa rios cristalinos, rodopia por sobre árvores frutíferas e desce rapidamente em direção ao que mais chamou a atenção: A CARNIÇA. Podre, fedorenta e insuportável, ela é digerida. Assim são alguns destes que retornam à escola sem a mínima dose de esperança em alguma transformação.

Sobrevoando as cabeças dos alunos, observando os olhares atentos dos primeiros dias, os sorrisos e a beleza das crianças, detêm-se naqueles aspectos de reprovação, desânimo e apostam na derrota (Werneck, pg. 52).

Muitos professores enxergam seus alunos como derrotados, uma grande perda de tempo, um ser fadado ao fracasso. Em verdade, este professor imputa nos alunos suas próprias características e sentimentos, sua descrença, desânimo e falta de comprometimento.

Em alguns casos, pode-se dizer que este profissional deseja, mesmo que inconsciente, o fracasso do alunado, para se sentir melhor com suas próprias desilusões e justificar a teoria, por ele criada, da inutilidade do seu esforço em razão da suposta impossibilidade de transformação por meio da educação.

Certamente, esta postura compromete o aprendizado dos alunos e contribuem para a realidade cultural negativa do país.

Este profissional presta um desserviço para a sociedade.

Contudo, para a felicidade daqueles que acreditam no seu próprio trabalho e no próximo, existe um outro grupo de professores, os chamados garimpeiros, que na visão de Werneck (pg. 52), são a imagem do otimismo, atolados na água suja do regato, no meio da lama lidando com a batela, revolvendo o cascalho, vê, no meio da sujeira, o brilho inconfundível do diamante.

O país do lava jato

Quando o professor entra na sala de aula, sem esperança, convicto da impossibilidade de se construir qualquer coisa boa no mundo, sentindo-se liquidado pelo rolo compressor que sua vida profissional e pessoal pode-se tornar, manifestando um profundo pessimismo, com olhos fundos e sem vida, os alunos pensam em doença, falência ou nada compreendem, mas são obrigados a suportar as lamentações, decepções, desespero e descrença deste indivíduo, em relação ao país, ao mundo, a ele próprio e a Deus. Tal situação culmina com a mais absoluta demência profissional.

O problema é ainda maior quando este fato se torna um ciclo, contaminando aos poucos os alunos e outros professores, induzindo-se e direcionando-se pensamentos negativos e destruidores, transformando, sobretudo, os educandos, em presas fáceis às mais diversas ideologias, em especial àquelas que pregam o individualismo, o egoísmo, o imediatismo, a valorização

do dinheiro e do poder sobre as pessoas, a coisificação do ser humano, o utilitarismo, a relativização da verdade e a vaidade.

Estas pessoas, já contaminadas, buscam e se abrem para receber qualquer coisa capaz de tirá-los da angustia e da decepção.

Hoje, mais do que nunca, o Brasil se depara com um cenário de muita corrupção, que vai muito além da política, invadindo os lares, o ambientes de trabalho, ou seja, o cotidiano do brasileiro. Diante de tal fato indaga-se: Qual foi a educação dessas pessoas que compõem tal cenário? Quem foram seus professores?

Certamente, a grande maioria dessas pessoas estudaram em colégios públicos ou privados, muitos são graduados, especialistas, inclusive mestres e doutores.

Não há como negar a parcela de culpa dos professores, em relação a este distúrbio moral, psíquico e espiritual, já que estiveram e estão tão próximos de todas essas pessoas desde a mais tenra idade, passando por toda formação de sua personalidade, adolescência e parte de sua vida adulta.

Não se pode admitir como verdade, que o brasileiro nasça desonesto e, portanto, todos somos fadados a este fim. Certamente mencionadas “características” são adquiridas e desenvolvidas ao longo da vida.

A reflexão é sobre qual está sendo o papel do professor na formação desse ser humano.

O professor não comprometido e desanimado finge que ensina e seus alunos fingem que aprendem.

Não há qualquer progressão positiva por parte dos alunos, com prejuízo para todos os interessados, contribuindo ao crítico estado cultural que nos encontramos, com baixa produção, baixa responsabilidade e dedicação, calcada na lei do jeitinho e na despreocupação com o próximo e com valores éticos e morais.

Para Hamilton, quem assim agir também lançará nas calçadas uma incalculável multidão de desempregados, criando uma crise social sem precedentes (pg. 17, 1996). Referido escritor acrescenta que “a marginalidade e a criminalidade, além de todos os demais tipos de contravenção penal, são, em grande parte, o resultado da deseducação” (pg 18, 1996).

É a mentalidade do faz de conta, os dirigentes fingem pagar, o professor finge ensinar e o aluno finge aprender. Assim sendo, não se admira o fingimento ideológico, desportivo, moral, econômico, religioso, dentre outros que assolam o país.

Diante de tal cenário indaga-se:

Quem é irresponsável, o aluno, deixando o seu dever incompleto, ou o deputado, faturando o jeton apesar da solene ausência?

Qual dos dois tem menos vergonha e menos escrúpulo, o aluno, por não dar importância à função social de sua carteira escolar e à mensalidade paga pelo pai, ou o senador da república, recebendo o dinheiro do povo por um serviço não cumprido?

Qual a escola responsável pela educação dos dois? (Werneck, Pg.37, 1996)

Referido escritor continua aduzindo que numa época de mudança constitucional, vale lembrar a passagem de nossa

literatura quando foi proposta aos brasileiros uma legislação simples e objetiva: “todo brasileiro deve ter vergonha na cara; revoguem-se as disposições em contrário.” (Werneck, Pg.37, 1996)

Destarte, os professores em geral precisam revisar seu processo de educação para encher o parlamento de representantes imbuídos de uma responsabilidade maior que o tamanho do próprio bolso.

Ao mesmo tempo em que um professor ensina uma coisa, ele cria e desenvolve um comportamento, uma atitude não manifesta nos conteúdos, mas perfeitamente mensurável quando se analisa o comportamento dos alunos (Werneck, pg. 40, 1996).

É certo que diante da sua postura, o professor transmite para seu os alunos valores ocultos em seu conteúdo, mas assimilados até com maior facilidade e refletido em forma de atitude, podendo fazer mais efeitos que os valores manifestos.

Pode-se dar como exemplo aquele professor que fala de democracia, mas se comporta de forma absolutista, com aulas ministradas com base em monólogos, sem possibilitar qualquer participação dos alunos.

Outra questão de suma importância a ser refletida, dentro deste contexto, é a forma de avaliação pelo professor.

Sobre tal ponto Hamilton propõe uma fábula:

Certa vez um mestre enviou um aluno seu à cidade canadense de Montreal para dar um recado num determinado endereço. O aluno

deixou a cidade brasileira de origem e seguiu para o Rio de Janeiro, tomando um voo internacional em direção a Nova Iorque. De lá, seguiu noutro voo para Montreal, tramitou pela alfândega com suas bagagens e documentos, tomou um taxi e chegou à cidade desejada. O edifício já estava sendo visto, Felizmente, no local certo, chegou ao andar do endereço. Na hora de bater à porta do apartamento, confundiu-se e tocou a campainha do apartamento ao lado daquele que procurava.

O proprietário, ao atender, explicou-lhe que estava errado e a viagem foi considerada perdida; a passagem agora, precisaria ser reembolsada, além da grande “bronca” a receber do mestre.

Um erro imperdoável, sobretudo depois de tanto esforço. Chegou pertinho e errou no final. Tudo perdido. Nota zero.

Outro aluno deste mesmo mestre recebeu a mesma incumbência, só que, tendo chegado ao Rio de Janeiro, dirigiu-se à Santiago do Chile e de lá tomou um avião para as Filipinas. Errou tudo, não tinha sequer noção de direção. Viagem errada, reembolso de despesas, “bronca” do mestre. Tudo perdido. Nota zero. (Werneck, pg. 42, 1996).

Dentro desta fábula resta evidente que o zero atribuídos aos dois alunos é injusto. Não é possível dizer que os dois estão no mesmo nível.

Para o mencionado autor em educação e no processo de aprendizagem existem duas coisas diferentes, a qualidade e a quantidade. No primeiro caso há evidência de maior qualidade e a avaliação não poderia ser idêntica aos dois.

Portanto, corrigir uma prova somente pelas respostas inclui uma grande distorção no processo de aprendizagem, desvalorizando uma série de manifestações de saber. O estímulo é comprometido, cedendo lugar para um jogo de “tudo ou nada”, que repercutirá negativamente na formação do educando injustiçado.

Em determinados países crianças crescem com armas nas mãos e não hesitam em matar outras pessoas, não porque elas nascem ruins, mas porque lhes foi ensinado assim. E nós, preparamos nossos alunos para que?

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AQUINO, J. G. (org.). A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. Indisciplina na escola. São Paulo: Summus, 1996.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

Dicionário de Português Online. Disponível em: http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&pala_vra=dom. Acesso em 20/07/2015.

FREIRE, P. Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 14. ed. São

Paulo: Ática, 2004.

NOUWEN, Henri J. M. Podeis beber do cálice? São Paulo: Loyola, 2002

ROCHA NETO, I. Ciência, tecnologia & inovação: enunciados e reflexões: uma experiência

de avaliação de aprendizagem. Brasília, DF: UCB/Editora Universal, 2004.

WERNECK, Hamilton. Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo. In: Hamilton Werneck, Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1996.